



O sr. Saúde Pública

A partir do Conselho Superior de Higiene, organismo de Estado criado com a implantação da República, o higienista esteve aos comandos da gestão das medidas sanitárias e da informação veiculada para os jornais

por **Maria de Fátima Nunes***

Ricardo Jorge, homem do Porto, formado na respetiva Escola Médico Cirúrgica, repartiu os seus escritos pelos mais variados domínios, desde a higiene pública à história da medicina e à crítica literária. Teve uma fulgurante carreira de protagonista nos sistemas institucionais de Saúde Pública em Portugal, a par de uma intensa atividade científica que o consagrou como epidemiologista e higienista. Em 1918, viveu o surto de pneumónica como membro do Conselho Superior de Higiene, posto que lhe deu projeção nacional e internacional no campo da Saúde Pública, de que se tornou referência incontornável. Tinha já prestado serviço público de higienista ao enfrentar, sob o ponto de vista de política sanitária, o surto epidémico de Lisboa de 1894 e o surto de peste do Porto de 1899, quando rumou a Lisboa e contribuiu para fundar, em 1899, o Instituto Central de Higiene, que passa a ter o seu nome a partir de 1929. Permanece na capital, envolvido em redes de saúde pública, até 1939, ano da morte.

No que toca à pandemia de 1918, sigamos duas publicações oficiais de Ricardo Jorge, de junho de 1918 e março de 1919: *A Influenza. Nova Incursão Peninsular. Relatório apresentado ao Conselho Superior de Higiene, sessão de 18 junho 1918*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1918; e *La Grippe, Rapport préliminaire présenté à la Commission Sanitaire des Pays Aliés, dans la session de mars 1919*. *Lisbonne, Imprimerie Nationale*, 1919.

A partir de setembro de 1918, na imprensa, Ricardo Jorge escolhe a palavra «pneumónica» para designar uma nova estirpe de gripe que afetava gravemente os pulmões e as vias

respiratórias, algo que não o apanha desprevenido, ou incauto. Poderemos falar de epidemias no laboratório da História de final do século XIX e XX através de Ricardo Jorge? Já no Porto, em 1894, apreendera o fenómeno da peste de Lisboa, e em 1899, na zona ribeirinha portuense, efetua os registos minuciosos para o relatório que entregará às autoridades sanitárias municipais, expondo a situação vivida, propondo medidas de higiene pública e urbana e defendendo melhores condições de vida para a população, uma vez que as epidemias entram sempre mais depressa nos núcleos de miséria social.

Em 1918 e 1919, sob a configuração de relatórios oficiais existe um terreno comum: apontar os contextos políticos, económicos, militares e por vezes ideológicos que contribuem para a rápida progressão da doença. A epidemia aparece como um fenómeno negro decorrente de um processo mundial veiculado por um discurso higienista, de biopolítica, com ações consertadas dentro de Estados.

Reflexos nos jornais

O grande desafio de um discurso de Estado sanitário é noticiar, aconselhar, contro-

lar o pânico e impor medidas sanitárias.

O *Diário de Notícias* e o *Século* são dois excelentes arquivos de factos nacionais de vários quadrantes e de notícias internacionais que chegavam das agências noticiosas pelo telégrafo. No caso da pneumónica, tinham como propósito noticiar oficialmente as ocorrências geográficas aos seus leitores, divulgar a visão oficial das autoridades sanitárias, cujo protagonismo estava centrado na figura do diretor-geral de Saúde Pública, na época professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, com um largo trabalho nacional e internacional no campo das epidemias.

Em 25 de setembro de 1918, o *Diário de Notícias* (DN) publica na primeira página a nota oficial de Saúde Pública, de Ricardo Jorge: «Epidemia. A influenza pulmonar.» Assim se designava oficialmente a nova onda epidémica, afastando-a dos referentes de pestes (como a bubónica do Porto) e de febres com passado recente (cólera, malária), nas quais Ricardo Jorge já tivera um papel de intervenção pública. São apresentados objetivos práticos e urgentes a atingir pelos cidadãos no quotidiano para impedir a contaminação, como por exemplo evitar os beijos. Já impedir a circulação de pessoas e bens era uma medida ultrapassada e desfasada da realidade contagiosa deste surto gripal. As notícias tinham como duplo objetivo informar sobre as ocorrências de pneumónica pelo País e, sobretudo, evitar o pânico social. Tratava-se de uma epidemia silenciosa que contrastava com as notícias ruidosas e de grande impacto que chegavam da frente de batalha da Grande Guerra.

Ricardo Jorge escolhe a palavra «pneumónica» para designar a nova estirpe de gripe que afetava gravemente as vias respiratórias



Data: 01.04.2020

Título: O sr. Saúde Pública

Pub: **VISÃO**História

Tipo: Revista Especializada Bimestral

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Notícias

Pág: 22;23;24



Ricardo Jorge no laboratório O epidemiologista combateu a pandemia de 1918-19 como membro do Conselho Superior de Higiene

O DN permite traçar a geografia da doença, difundindo informação sobre o número de doentes nos vários distritos do País. Em junho, entrevistas a médicos desdramatizam o contexto de doença. Anuncia-se a disponibilização de um pavilhão especial no Hospital do Rego, em Lisboa, para albergar os que venham a contrair o vírus da gripe. Este hospital, criado em 1906 pelo governo de Hintze Ribeiro, fora pensado de acordo com os princípios do Estado sanitário e higienista, tal como é amplamente referido numa revista da época por Curry Cabral.

Porém, em setembro o mundo «parece desmoronar-se», surgindo as primeiras notícias de vítimas de pneumónica. Com o clima a registar a baixa de temperatura de outono,

o DN utiliza a sua rede telegráfica para noticiar a geografia da epidemia, de sul para norte, de Espanha até ao Atlântico, tendo em conta que foram estas duas das principais entradas. Surgem igualmente as primeiras medidas sanitárias profiláticas da atuação de Ricardo Jorge: proibição de feiras e romarias e redução de missas e atos litúrgicos, mantendo-se o cumprimento das normas sanitárias do texto de junho de 1918. Estas medidas aconselhadas por Ricardo Jorge em nota oficial de 25 de setembro de 1918 foram noticiadas pelo DN, que tinha também como finalidade o controlo da opinião pública para evitar o pânico social generalizado e incutir hábitos de comportamentos coletivos e individuais adequados. Por breve intervalo de

tempo importava viver de forma isolada de contactos sociais. A medida impunha-se por razões médicas e sanitárias, mas os tempos de perturbação social e política – problemas com a distribuição de senhas de racionamento, inflação, escassez de bens alimentares – adensavam o clima negro, tendo em conta as críticas à ditadura de Sidónio Pais, a participação portuguesa na Grande Guerra e o colapso do Corpo Expedicionário Português (CEP) em abril de 1918, em La Lys.

No jornal *O Século*, o mês de outubro de 1918 foi o período mais rico em informações de primeira página. A par dos comunicados oficiais da Direção-Geral de Saúde Pública, o matutino difundia medidas profiláticas assentes na prevenção e fazia publicidade a



Data: 01.04.2020

Título: O sr. Saúde Pública

Pub: **VISÃO**História

Tipo: Revista Especializada Bimestral

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Notícias

Pág: 22;23;24

produtos de perfumaria e de farmácia, sendo a gripe uma mais-valia para publicitar casas comerciais como a Perfumaria da Moda e a Farmácia Estácio, no Rossio.

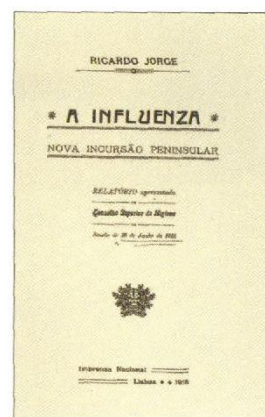
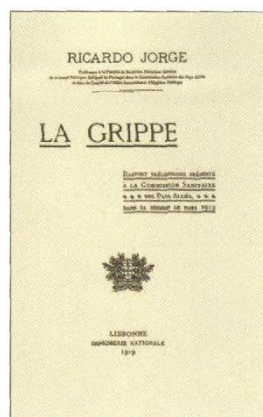
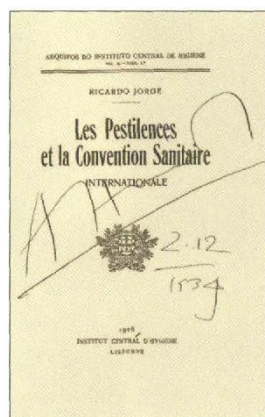
Quase subitamente, em meados de novembro, a pneumónica desaparece das primeiras páginas do *DN* e de *O Século*. A gramática de saúde pública que se adivinha no alinhamento dos títulos dá lugar a outras matrizes informativas. O fim da Grande Guerra e a chegada do CEP ao Cais das Colunas, a 23 de novembro, marcam o fim do ciclo de notícias informativas gripais na imprensa diária. A pneumónica vai sobreviver enquanto matéria de notícia, nas páginas secundárias, veiculando os apoios da Cruz Vermelha e da Cruz Branca aos sobreviventes.

Visibilidade de uma carreira

Após o surto da pneumónica, a carreira profissional e científica de Ricardo Jorge teve um grande desenvolvimento público, nomeadamente na representação do Estado português na Sociedade das Nações. As suas publicações



Assinados com o pseudónimo 'Dr. Mirandela', publicou no *Diário de Notícias* artigos que criticavam a política sanitária de Espanha



Publicações Contributos de Ricardo Jorge para o estudo das pestilências e da gripe e respetivo combate

em revistas científicas, ao longo das décadas de 1920 e 1930, ocorrem na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, com especial destaque para o Brasil. O médico português afirmava-se, assim, no contexto da rede internacional da Saúde e da Higiene Pública, terrenos em que os Estados ocidentais que participaram na Grande Guerra tinham de, doravante, investir em medidas de fomento do «bem estar social», única saída para o controlo de epidemias de várias estirpes.

Em 1926, Ricardo Jorge é indigitado representante português no Comité de Higiene da Sociedade das Nações, lugar em que se mantém ativo até à sua morte. Com uma vida pública e científica cheia de atividade, atravessou regimes – a Monarquia, a República, o Estado Novo – sempre a trabalhar num sistema de rede de contactos internacionais. A pneumónica foi um dos seus principais laboratórios de experimentação e de observação científica para determinar o papel que um Estado do século XX deveria ter no plano da legislação e das medidas de Saúde Pública.

O heterónimo de 1918

Sob pseudónimo *Dr. Mirandela*, publicou Ricardo Jorge no *DN* dois artigos cujo tema fundamental é a crítica à política sanitária de Espanha, que, ao encerrar a fronteira com Portugal, denotava, segundo o autor, um considerável atraso face às normas internacionais. Trata-se de opiniões muito críticas, onde se cruzam os meandros da Saúde Pública com contextos políticos em tempo de guerra, tal como Ricardo Jorge, em fórum internacional, fará questão de referenciar em 1919. Uma contrainformação que o *DN* não se importava de veicular, de forma a alargar o leque de leitores e de assinantes, deixando a inquietação em suspenso...

O raciocínio lógico do *Dr. Mirandela* é o seguinte: medidas de carácter político e ideológico (leia-se pan-germanismo), afetando diretamente a ida dos congressistas portugueses ao Congresso Espanhol de Medicina, impediam médicos e agentes sanitários de se reunirem em fórum de científico.

Dois pontos de vista distintos sobressaem destes textos ocultos pela máscara de um alter-ego. Por um lado, controlar o pânico social provocado pela epidemia; por outro, o *Dr. Mirandela* não hesita em usar esses tempos de cólera para criticar as políticas sanitárias de Espanha, desfasadas das políticas sanitárias europeias de que Portugal já fazia parte, através de Ricardo Jorge...

A trajetória de vida deste epidemiologista permite-nos obter matizes cruzados de história de Saúde, Ciência, Cultura e diplomacia científica. Um olhar de cronologia que transporta Ricardo Jorge, e o tempo pós-pneumónica, para uma dimensão que ultrapassa a epidemiologia e se situa no âmago das relações entre Estados a partir do papel que a Saúde Pública passou a ter no seio da Sociedade das Nações. **VI**

* **Maria de Fátima Nunes** é professora da Universidade de Évora e investigadora do Instituto de História Contemporânea

Para saber mais:

A Epidemia Esquecida: olhares comparados sobre a Pneumónica 1918-1919, José Manuel Sobral e Maria Luísa Lima, Paula Castro, Paulo Silveira e Sousa (Orgs), Lisboa, ICS, 2009.
Centenário da Gripe Pneumónica. A pandemia em retrospectiva Portugal 1918-1919, Coord. Helena da Silva, Rui M. Pereira, Filomena Bandeira, Lisboa, Ed. Igas, IHC-FSH-Nova, CNP, 2019.
Jaime Larry Benchimol, «Ricardo Jorge e as relações entre Portugal, Brasil e África: o caso da febre-amarela». In *Da ciência luso-brasileira*, 229-249. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
Jorge F. Alves, «Ricardo Jorge e a Saúde Pública em Portugal. Um apóstolo sanitário», «Arquivos de Medicina», 2008, 22 (2-3).
Revisitar a Pneumónica de 1918-1919 – dossier temático, *Ler História* 73, 2019.